



**B** Zoom // Petição

# Eutanásia. “As pessoas continuam a pedir-me ajuda para morrer”

Com a petição pela morte assistida prestes a dar entrada na AR, a fundadora do movimento continua a receber pedidos de ajuda de gente desesperada. “Muitos doentes não conseguem discutir a eutanásia nem com os próprios médicos, é frustrante”, contou Laura Ferreira dos Santos ao *i*

**MARIANA MADRINHA**  
*mariana.madrinha@ionline.pt*

Desde que o movimento que pede a despenalização da morte assistida foi lançado, em novembro passado, que a fundadora Laura Ferreira dos Santos começou a receber na sua caixa de correio eletrónico pedidos de ajuda, alguns de pessoas verdadeiramente desesperadas. “Recebo emails de pessoas doentes que estão num sofrimento atroz e não sabem com quem falar, sentem-se sozinhas”, conta. “Tento sempre dar uma palavra de conforto, dizer aquilo que posso dizer e que não vai contra a lei.”

No entanto, Laura Ferreira dos Santos não esconde que receber estes pedidos é uma realidade que lhe pesa. “São emails que, obviamente, me perturbam, porque estas pessoas estão na impossibilidade de falar disto quer com quem as rodeia – que não quer ouvir falar sobre o assunto –, quer com os próprios médicos.”

E discutir as questões de fim de vida com os médicos que acompanham os doentes é, para a antiga professora universitária, uma das pedras de toque da questão. “Não poder discutir isto com o próprio médico, porque o médico não quer ouvir falar, é lamentável.” Esta é uma realidade que lhe é bem próxima, contada na primeira pessoa. “Já tive relatos de pessoas que tenta-

ram falar com os médicos sobre isto e que obtiveram como resposta, da parte do clínico, ‘eu não ouvi nada’. Isto é frustrante.”

Para a fundadora do Direito a Morrer com Dignidade, podiam “evitar-se muitos casos até de tentativa de suicídio se os médicos pudessem falar abertamente sobre estas questões e, claro, se houvesse uma despenalização”, considera.

Os suicídios de pacientes que não aguentam a pressão de um novo tratamento também não são uma realidade desconhecida para Laura Ferreira dos Santos – que, aliás, já falou publicamente sobre a hipótese de cometer suicídio à revista “Visão”. “Sei de situações de suicídios de pessoas que tiveram cancro recorrentes. Os doentes recusaram-se a fazer mais tratamentos, mas a família insistiu tanto que aqueles pacientes, já em novo tratamento, acabaram por se suicidar. Não há estatísticas: nos casos que me contaram, muito pouca gente soube a verdadeira razão daquele suicídio, são realidades que ficam muito escondidas”, denuncia.

**PETIÇÃO** Na segunda-feira, a comissão que lidera o movimento cívico fixou a data de entrega da mesma na Assembleia da República (AR): 26 de abril.

Neste dia, pelas 15h30, o presidente da AR, Eduardo Ferro Rodrigues, receberá as



A petição que pede a despenalização da morte assistida será entregue na Assembleia da República dia 26 deste mês

Entrega das assinaturas no Parlamento será a primeira grande vitória do movimento, diz fundadora

assinaturas. Cumpre-se assim a ideia inicial de forçar a discussão no parlamento, objetivo que os proponentes do manifesto do movimento Direito a Morrer com Dignidade – que lançou a petição – nunca esconderam. “Claro que se desencadeámos este processo foi para tentar que ele desembocasse num final feliz”, considera Laura Ferreira dos Santos. E o fim feliz é, neste caso, o início da discussão em São Bento.

Já para João Semedo, a entrega das assinaturas na AR é “um convite aos deputados, aos grupos parlamentares e aos partidos para tomarem a iniciativa e apresentarem os seus projetos de lei que conduzam à despenalização da morte assistida”. O médico e antigo dirigente do Bloco de Esquerda tem sido um dos maiores animadores da demanda, e espera agora que a “discussão da petição no plenário seja esclarecedora quanto à necessidade de a Assembleia cumprir a sua função legislativa e não continuar a adiar um problema que, mais cedo ou mais tarde, surge na vida de todos nós”. João Semedo considera que “é verdade que até agora ainda nada mudou”, mas também argumenta que nunca, até agora, a sociedade tinha “ido tão longe na afirmação tão forte, tão plural e tão representativa desta vontade de admitir a eutanásia”.

Para Laura Ferreira dos Santos, a che-



## Apenas 2200 pediram testamento vital

Acesso ao documento não chegou para convencer cidadãos

Em cerca de um ano e meio, apenas 2201 portugueses assinaram o testamento vital, revelou o "DN" no início do mês. Esta declaração permite ao paciente escolher "cuidados de saúde que pretende ou não receber e permite também a nomeação de um procurador de cuidados de saúde", explica o portal do Serviço Nacional de Saúde.

Na mesma página são enunciados os passos a dar para preencher o documento. Primeiro, há que aceder "ao Portal do Utente, descarregar o formulário com o modelo de diretiva antecipada de vontade, preencher e entregar no agrupamento de centros de saúde ou na unidade local de saúde da sua área de residência. Seguidamente, o documento será "registado no sistema informático da saúde, o RENTEV". Este é o sistema onde o testamento vital ficará "armazenado". Desta forma, tanto os médicos como os utentes podem consultar a declaração quando necessário, "garantindo assim que a vontade anteriormente expressa é cumprida". Apesar da lógica simples por detrás do preenchimento do testamento vital, a verdade é que o número de subscritores mostra um desinteresse quase absoluto da população.

Por oposição, a petição que pede a despenalização da morte assistida conseguiu oito mil subscritores (o dobro do legalmente exigido para levar a discussão ao parlamento) em menos de dois meses, comparação que não passou ao lado de quem pede a despenalização da morte assistida. "Rapidamente conseguimos as oito mil assinaturas, por oposição, por exemplo, aos subscritores do testamento vital. O que só vem dizer que este tema diz muito às pessoas, há uma identificação muito forte", considera Laura Ferreira dos Santos.

gada das assinaturas à Assembleia tem um significado ainda mais pessoal. "Durante muitos anos, lutei sozinha por isto."

Treze anos depois de se ter debruçado sobre estas questões e mais de 700 páginas escritas sobre o tema distribuídas por dois livros - "Ajudas-me a Morrer" e "A Morte Assistida e Outras Questões de Fim-de-Vida" -, Laura Ferreira dos Santos diz ter a sensação "de dever cumprido".

Embora afastada dos debates públicos por incapacidade física, decorrente das metástases ósseas que a assombram desde 2011 [foi, aliás, a meio de uma sessão de fisioterapia que nos falou], tem seguido de perto os passos dados pelo movimento que lançou. "Finalmente há um grupo de cidadãos que mostra decididamente que está interessado em discutir a questão e que isto lhes interessa muito."

Sobre o que se vai passar após 26 de abril, Laura Ferreira dos Santos não tem dúvidas de que se tratará de um processo moroso, mas que já não estará nas suas mãos. "Independentemente do que irá acontecer, é uma primeira vitória. Pelo menos estamos a dar voz a pessoas que não a tinham, e isso, só por si, é algo bom", considera. "Nós fizemos a nossa parte, as pessoas fizeram a sua parte ao subscrever a petição, agora depende dos deputados darem a última palavra."

A entrega da petição é um convite aos deputados, considera João Semedo

"Nós fizemos a nossa parte, agora cabe aos deputados darem a última palavra", diz Laura Ferreira dos Santos

Laura Ferreira dos Santos: "Tenho a sensação de dever cumprido"

JOÃO GIRÃO